



**ESTUDOS DO IMAGINÁRIO NO BRASIL, HOMENAGEM À
PROFA. DRA. DANIELLE PERIN ROCHA PITTA**

STUDIES OF THE IMAGINARY IN BRAZIL, A TRIBUTE TO
PROF. DR. DANIELLE PERIN ROCHA PITTA

ESTUDIOS DEL IMAGINARIO EN BRASIL, HOMENAJE A
PROF. DRA. DANIELLE PERIN ROCHA PITTA

*Thácio Ferreira dos Santos**

*Gilbraz de Souza Aragão***

“Vá ao Brasil, lá é a terra onde brota o imaginário”: Com essas palavras Roger Bastide, eminente sociólogo das religiões, dirigiu-se à uma jovem doutoranda franco-brasileira que estava realizando suas pesquisas em Grenoble, na França, dos anos 1970, sob orientação do seu mestre e amigo, o grande filósofo e antropólogo do imaginário, Gilbert Durand. A jovem estudiosa do imaginário à qual estamos nos referimos é uma das importantes referências nas pesquisas sobre o imaginário no Brasil. Falamos da antropóloga e Doutora Danielle Perin Rocha Pitta.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco e graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: thacio.fdossantos@gmail.com.

** Doutor em Teologia. Professor no campo dos estudos de religião na UNICAP, onde organiza o Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife (<https://www1.unicap.br/observatorio2>). E-mail: gil_braz@uol.com.br.



A professora Danielle, como muitos dos seus de seus colegas e colaboradores gostam de carinhosamente chamar, acolhendo os ensinamentos e conselhos de seus mestres, defende, em 1979, uma tese pioneira, que retrata importantes aspectos do imaginário brasileiro. Baseou suas pesquisas e sua trajetória acadêmica, sobretudo, nos postulados de uma obra considerada por muitos estudiosos como um clássico em ciências humanas: Trata-se das “Estruturas Antropológicas do Imaginário”, de Gilbert Durand.

Desde seus primeiros estudos, a professora Danielle chama a atenção para o fato de que cada cultura traz à sua angústia existencial respostas válidas e encantadoras, pois todas as formas de confrontar a finitude são plenas de sutilezas e sensibilidade. Ao se defrontar com diferentes grupos socioculturais brasileiros – em especial, os habitantes de Recife, Curitiba, os índios Fulniô e o Xangô – em suas existências cotidianas, a professora Danielle, desde as suas primeiras investigações, pôde atestar que a função de eufemização simbólica está sempre presente em todas a vivências humanas. O ser humano tenta erguer-se constantemente diante da inevitabilidade da finitude; busca erigir uma esperança viva perante a angústia do tempo que escorre.

Nesse sentido, pode-se considerar que a função eufemizante da imaginação simbólica tem sentido e valor tanto para o equilíbrio individual, quanto para a dimensão psicossocial. Mas a manutenção desse equilíbrio mobiliza forças e um Trajeto Antropológico dinâmico, como ensinara Durand; trajeto este que se situa entre os níveis biológico, psicológico, sociológico, cultural e cósmico. Ao invés de tentar cunhar esquemas teóricos em que as vivências humanas possam ser estabilizadas, fragmentadas, para em seguida serem apreendidas e analisadas, convém antes dar conta do dinamismo inerente as criações das culturas e de cada homem que pensa, imagina, sonha.

Nas ciências humanas, durante muitos anos optou-se por um modelo de investigação das culturas, ou melhor do *Anthropos*, pautado nas ciências da natureza, e que se acreditava ser objetivo e racional. A professora Danielle nos lembra que a razão é sem dúvida capaz de analisar os fatos e compreender as relações que existem entre eles, contudo ela é incapaz de criar significados.

Para criar significados, o ser humano põe em atividade a imaginação. Dar significados implica, pois, adentrar no nível simbólico. Todas as culturas criam suas próprias teorias, filosofias, obras de arte; tentam dar sentido ao mundo, ao universo. Nessa perspectiva, é possível dizer que o imaginário é a essência do espírito, já que todo ato criativo humano é rico em símbolos e significados.

A cultura brasileira se caracteriza de maneira geral, conforme a professora Danielle, por um dinamismo intrigante, por uma criatividade pujante e por imensos contrastes, particularidades, conflitos. Na realidade brasileira o contraditório se manifesta constantemente; vemos ritos, símbolos e espiritualidades oriundos de tradições e tendências diferentes coexistirem.

Como é possível, então, que as diferenças possam ser mantidas sem prejuízo para a compreensão da coletividade? Como abordar o ser humano, levando em conta ao mesmo tempo a sua globalidade e particularidades culturais, sem, contudo, priorizar um ou outro aspecto? De que modo podemos investigar as dimensões contraditórias das vivências humanas?

Somente uma abordagem – inter-transdisciplinar – que leve em conta a complexidade das experiências sociais poderia ser capaz de romper com os esquemas dicotômicos próprios das epistemologias modernas. O paradigma do Imaginário abre-se para uma ética pautada não mais na exclusividade da razão, mas inclui e integra o universo simbólico. Trata-se, portanto, da redescoberta do mito.

A re-mitização diz respeito à valorização do mito e do ser humano como ser de imaginação, como ser que preenche de sentido as suas diversas dimensões, sejam elas a educativa, artística, profissional, sexual, religiosa, entre outras. Os relatos humanos, quaisquer que sejam, repousam, por sua vez, quase sempre em uma base mítica; e as narrativas míticas dão, assim, significado às coisas.

É, pois, através do universo simbólico que o homem se humaniza, tornando-se capaz de dialogar e partilhar afetos, ideias, crenças, costumes e valores. É também a partir do plano simbólico que as diversas manifestações espirituais, religiosas e mesmo a-religiosas, se expressam por meio de práticas, saberes e ritos compartilhados coletivamente. O mundo das imagens simbólicas seria, portanto, o espaço onde o

contraditório pode existir e se perpetuar; onde natureza e cultura não estão em oposição, onde o universal e o específico são apreendidos conjuntamente, onde o devaneio poético não é anulado pela razão científica.

A professora Danielle tem sido uma das principais propagadoras e expoentes do paradigma do imaginário nos últimos 50 anos. Seus trabalhos têm evidenciado, especialmente, o imaginário do Nordeste brasileiro. Durante esse percurso, realizou e publicou diversas pesquisas em torno do imaginário artístico, das ciências, educação, cotidiano, educação, arquitetura, sexualidade, religião, entre outros temas. Desde a sua iniciativa em fundar o primeiro Centro de Estudos sobre o Imaginário de inspiração durandiana, na década de 1970 na Fundaj-Recife, até a sua colaboração na concepção do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário (UFPE) na década de 1990, a professora Danielle jamais parou de trabalhar na difusão da antropologia do Imaginário.

Incansável, orientou dezenas de teses e dissertações, sempre com espírito de abertura, encorajando jovens pesquisadores a realizarem trabalhos inovadores. Participou ainda da formação de outros grupos de pesquisa sobre o imaginário em todo o país; organizou diversos eventos nacionais e internacionais, dentre os quais destacam-se os 16 Ciclos de Estudos sobre o imaginário realizados em Recife. Ajudou também na constituição de redes internacionais de pesquisas, como o Centre de Recherches Internationales sur l'Imaginaire (CRI2i) e a Association des Amis de Gilbert Durand (França), dentre outros organismos universitários.

Diante de uma tão rica e fecunda trajetória acadêmica, diante de meio século de trabalhos ininterruptos e de dedicação “à causa” do imaginário, reunimos, no presente número da revista *Parallelus*, nove contribuições de diferentes campos, mas que possuem uma certa proximidade com o pensamento e legado deixado pela professora Danielle.

O artigo O JARDIM DO IMAGINÁRIO NA OBRA DE DANIELLE PERIN ROCHA PITTA, de Gabriel Kafure da Rocha e Thácio Ferreira dos Santos, apresenta alguns elementos biográficos e teóricos da antropóloga Danielle Perin Rocha Pitta, para em seguida mostrar como seus estudos, e, sobretudo, sua atitude investigativa, aproximam-se de algumas das posições pós-bachelardianas, apontando que a

convergência de hermenêuticas é o caminho para compreensão dos fenômenos da imaginação. No artigo ATOS ORIGINÁRIOS ARQUETÍPICOS E O ESTUDO DO IMAGINÁRIO: A HERMENÊUTICA DA IMAGINAÇÃO DE MIRCEA ELIADE, Vitor Chaves de Souza afirma que há uma necessidade orgânica do ser humano em sonhar: “em outras palavras, uma necessidade pela mitologia”. Por isso, o mundo, segundo Eliade, é um mundo sagrado -- e, como tal, saturado de sentido. Entretanto, o profano, justamente por sua condição existencial de se opor ao sagrado, mascara o sagrado, que se torna perceptível somente na medida de sua busca.

No terceiro artigo O SENTIDO E O FIM DAS RELIGIÕES: WILFRED SMITH E UMA TEOLOGIA MUNDIAL FUNDAMENTAL PARA O TRIÁLOGO, Gilbraz Aragão e Maruilson Souza apresentam a riqueza das contribuições de Smith, que ajuda a pensar na diversidade das religiões não como um castigo, mas como uma bênção das origens, propondo uma teologia fundamental das religiões do mundo que toma por base todos os seus textos e narrativas sagradas e aprofunda a experiência transreligiosa que aí aparece. Assim, é preciso passar do terceiro ausente ao terceiro incluído, do “diá-logo” ao “triá-logo”, e ultrapassar uma visão identitarista do religioso por uma visão relacional do transreligioso. Outra forma de racionalidade intercultural convida-nos a restituir em qualquer situação de comparação um ponto de vista mediador de um terceiro intérprete, que pode superar a posição horizontal e frontal da distância e dar lugar a uma inteligência superior, deslocando cada um dos pontos de vista e permitindo estabelecer relações e convivência em meio às controvérsias. Na sequência, Madiana Valéria Rodrigues, em POR UMA ETNOGRAFIA DO PRÓXIMO: RELIGIOSIDADE E IMAGINÁRIO ENTRE TRABALHADORES DA AVIAÇÃO BRASILEIRA, discute as contribuições da teoria do Imaginário de Gilbert Durand, para a compreensão da pluralidade e da multiplicidade de formas e lógicas da religiosidade e do sagrado no contexto específico da aviação e tece uma etnografia mostrando que os agentes históricos realizam, por meio da pragmática de sua interação no trabalho, a função teofânica da imaginação simbólica, ou seja, a “epifania de um mistério”.

Passando à seção de ensaios encontramos ODE RECIFENSE À ARQUEOLOGIA DA PASSAGEM: IMAGINÁRIO E IMAGINAL EM BERDYAEV, CORBIN, DURAND E DANIELLE PERIN ROCHA PITTA, em que Marcos Ferreira dos Santos trata de uma arqueologia da passagem no pensamento de Danielle Perin Rocha Pitta com base em

um estudo mitohermenêutico, vinculado ao Círculo de Eranos [1927-1988], feito pelo autor. O ensaio sucessivo, LA CONCEPTION DU MYTHE DANS L'ŒUVRE DE GILBERT DURAND, de Alberto Filipe Araújo, Jean-Pierre Sironneau e Hélène Rufat, baseia-se numa metodologia qualitativa e hermeneuticamente reflexiva, partindo da definição de mito que o autor oferece nas suas Estruturas Antropológicas do Imaginário (1960). Daí se debruça sobre conceitos constituintes da definição de mito, como os de schème, arquétipo e símbolo; trata do semantismo do mito; da relação que o mito tem com a história; e, por fim, da perenidade e do retorno do mito.

O texto MYTHO-PHANIE: DE LA THÉORIE À L'EXPÉRIENCE DE LA CONSCIENCE MYTHIQUE, de Jean-Jacques Wunenburger, defende que a antropologia cultural desde os seus primórdios encontrou expressões do pensamento mítico em sociedades tradicionais. As interpretações desse imaginário cultural variam entre a hipótese de uma forma arcaica específica de pensamento, desconstruída e ultrapassada pelo pensamento racional, e uma explicação estruturalista, baseada em estruturas cognitivas universais, que minimiza a ruptura entre pensamento selvagem e pensamento científico. Uma abordagem mais fenomenológica e existencial do imaginário mítico, estendido a todas as crenças, inclusive monoteístas, permitiria compreender melhor como a narrativa mítica está enraizada em uma experiência de consciência simbólica, dotada de suas estruturas afetivas e de seus constrangimentos narrativos, semânticos e sintáticos.

O texto MITO E ARQUÉTIPO NA PERSPECTIVA DURANDIANA, de autoria de Alberto Filipe Araújo, Rogério de Almeida, Maria Cecília Sanchez Teixeira e Iduína Mont'Alverne Chaves, parte da definição clássica de mito que figura em Les Structures Anthropologiques de L'Imaginaire (1960) de Gilbert Durand. Esta definição compreende os conceitos de símbolo, de arquétipo e de schème, enquanto noções produtivas ou heurísticas. Em MITO-FORIA: FORMAS E TRANSFORMAÇÕES DO MITO, cujo original, Jean-Jacques Wunenburger, foi traduzido, com a devida autotização, por Victor Sancassani, vemos que as investigações desenvolvidas pelas Ciências Humanas sobre o mito permitiram revalorizá-lo a partir de certas conquistas teóricas que contrastam com a desvalorização massiva da qual ele foi objeto, durante muito tempo, sob a pressão do racionalismo positivista.

Boa leitura e gratidão a Danielle Perin Rocha Pitta, que criou pontes tupiniquins para podermos explorar essas “outras razões que a própria razão desconhece”!

Seguem-se seis artigos de Temática Livre, que enriquecem o v. 14, n. 34.

No artigo ACERCA DA RELIGIOSIDADE EM JUNG E FRANKL: DO INCONSCIENTE COLETIVO AO INCONSCIENTE ESPIRITUAL, Thiago Antônio Avellar de Aquino Ana Caroline Cabral Cristino analisam as perspectivas de Viktor Emil Frankl e Carl Gustav Jung, criadores, respectivamente, da Logoterapia e Análise Existencial e da Psicologia Analítica, acerca dos seus escritos sobre religiosidade. Constam que ambos consideraram a religiosidade como um meio para o desenvolvimento saudável do potencial humano. Já em MANIFESTAÇÕES CULTURAIS POPULARES: DISCUSSÃO E INCLUSÃO NO ESPAÇO ESCOLAR, Ana Cristina Lima Moreira discute o papel da escola como espaço capaz de significar, ressignificar e, de ressurgimento das manifestações culturais com ênfase na religiosidade, através de práticas educacionais inclusivas e políticas de enfrentamento no cotidiano escolar. O estudo revela que no espaço escolar se tecem as relações afetivas, socioafetivas, educacionais, profissionais e de conflitos, construídas através das interações das relações interpessoais, das ideias, diálogos, seus saberes e viveres no espaço escolar.

No artigo intitulado ESPIRITUALIDADE E SAÚDE DA PESSOA IDOSA, de Cirlene Francisca Sales da Silva e João Luiz Correia Júnior, busca-se compreender a relação entre a espiritualidade e saúde da pessoa idosa a partir de uma revisão de literatura acerca da temática. Os resultados obtidos pelos autores indicam que existe uma relação importante e íntima entre a espiritualidade e a saúde de pessoas com idade superior a 60 anos. A espiritualidade também tem um papel determinante no apoio para muitas pessoas nessa faixa etária e pode ser parte das suas estratégias de enfrentamento diante de situações de sofrimento. Sobretudo, no contexto de problemas de ordem física e mental. Em ETNOGRAFIA, DISCURSO E NEOPENTECOSTALISMO: FACETAS DE UMA HISTÓRIA PLURAL, Paulo Julião da Silva e Samuel Pablo Costa de Almeida promovem uma discussão teórica - por meio da revisão de literatura e análise discursiva - acerca do uso da Etnografia e da Análise do Discurso para compreender os elementos religiosos, sobretudo no campo de

estudo histórico das igrejas neopentecostais brasileiras. A partir da análise dos testemunhos religiosos nas agências religiosas neopentecostais, os pesquisadores compreendem que o aspecto indutor da prática discursiva é o anseio pela prosperidade material no contexto neopentecostal.

BEGUINAS: MOVIMENTO LAICO DE ESPIRITUALIDADE CRISTÃ FEMININA NA BAIXA IDADE MÉDIA é título do estudo realizado por Marcos Roberto Nunes Costa Rafael Ferreira Costa. Nesta pesquisa enfoca-se o surgimento de um movimento espiritual em defesa dos mais pobres na Europa no início da Baixa Idade Média (séc. XI). Trata-se aqui das Beguinas ou movimento beguinal. Por um lado, este movimento espiritual era marcadamente feminino, pelo menos nas suas origens, pois abrigava mulheres das várias classes sociais. Por outro lado, por ser um movimento laico, criado à margem da Igreja Católica, nunca se submeteu a tutela de nenhuma instituição religiosa, bem como nunca se institucionalizou, sendo por isso condenado e perseguido pelas autoridades eclesiásticas, apesar de atrair vultuosos números de mulheres por longos séculos.

Por fim, em O MUNDO DA VIDA” (LEBENSWELT) DO INVESTIGADOR: O QUE PASSA NA VIDA DO INVESTIGADOR QUANDO INVESTIGA? Iván-Darío Toro-Jaramillo e Waldecir Gonzaga buscam saber o que acontece na vida do pesquisador quando ele investiga, ou seja, o que é o “mundo da vida” (Lebenswelt) do pesquisador, como estabelecer um equilíbrio entre o mundo-da-vida do pesquisador e o fato de pesquisar, em todas as áreas do saber, como da teologia e das ciências da religião. O objetivo principal da investigação é fazer do pesquisador o próprio objeto de investigação. Na fenomenologia de Husserl, e de outros fenomenólogos, foram encontrados recursos metodológicos e teóricos com a consistência e o rigor necessários para realizar uma análise descritiva da construção do “mundo-da-vida” cotidiano na experiência dos pesquisadores. Os autores da pesquisa colocam a necessidade de formar investigadores não apenas nos aspectos técnicos e instrumentais da investigação, mas também naquelas outras questões que tocam o “mundo da vida” do investigador que procura uma “qualidade de vida”, que é o desejo de todas as áreas da investigação científica, e não apenas da teologia e das ciências da religião.